

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia /
Organizador Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-634-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.345212311>

1. História da filosofia. I. Menezes, Luiz Maurício
Bentim da Rocha (Organizador). II. Título.

CDD 109

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” é uma obra que tem como foco principal a discussão filosófica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da história da filosofia.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à história da filosofia, de maneira que possamos abranger ao máximo a reflexão sobre estudos recentes em matéria de filosofia.


Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores, assim todos aqueles que de alguma forma se interessam pela história da filosofia. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes pensamentos em filosofia e que tenham uma contribuição relevante para o desenvolvimento da crítica, assim como a abordagem de temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo a obra “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” apresenta uma teoria bem fundamentada em estudos feitos por diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1	1
A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?	
Adriano Rodrigues Mansanera	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111	
CAPÍTULO 2	9
ALTERIDAD Y LITERATURA: LA PROPUESTA DE GRACILIANO RAMOS	
Patricia Bernarda Vilcapuma Vines	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112	
CAPÍTULO 3	18
APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À <i>ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA</i> DE WINNICOTT	
Cristian Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113	
CAPÍTULO 4	30
ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA	
Félix Manco Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114	
CAPÍTULO 5	43
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE	
Sandro Melo Batalha Cardoso	
Ivys de Alcântara Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115	
CAPÍTULO 6	57
ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE	
Luiz Fernando Gomes Ferreira	
José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116	
CAPÍTULO 7	73
O NOVO ESTATUTO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DO CÉTICO CARNÉADES	
Ísis Lopes D'Oliveira Zisels	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117	
CAPÍTULO 8	83
TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA	
Joseph Max Espiritu Ventocilla	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123118>

CAPÍTULO 9..... 93

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, VYGOTSKY E MARXISMO: APONTAMENTOS PARA
UMA COMPREENSÃO CRÍTICA


Renata Dalbianco Ferreira dos Santos
José Alberto Lechuga de Andrade Filho
Alexandra Ayach Anache

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123119>

CAPÍTULO 10..... 101

A FUNÇÃO DO MITO EM PLATÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34521231110>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 23/09/2021

Félix Manco Ramos

Facultad de Letras y Ciencias Humanas
Universidad Nacional Mayor de San Marcos
(UNMSM)
Lima, Perú

<https://drive.google.com/file/d/1AiOYHgAkNcYTfE7fgxv1SkCji2sR8A8G/view?usp=sharing>

RESUMEN: En esta investigación abordaremos la relación existente entre ciencia y espiritualidad dentro de la filosofía pitagórica. A pesar de lo problemático que resulta estudiar esta filosofía, sea por la ausencia de fuentes sólidas o de sistema único de ideas, profundizaremos en las relaciones entre matemática racional y vida espiritual de esta secta. Para ello, resolveremos dos objetivos: a) describir la relación entre ciencia y religiosidad dentro del pitagorismo y b) detallar los dos ejercicios numérico-espirituales más importantes: música y astrología. Nuestra metodología se basa en el análisis filosófico de textos antiguos y modernos sobre el pitagorismo. Asimismo, usaremos el método de las ciencias de las religiones para abordar el fenómeno espiritual, místico y religioso. De esta manera, concluiremos que la filosofía pitagórica propone una doctrina de salvación y purificación del alma, iniciática y esotérica, a través del ejercicio de los números sagrados aplicados en la música y la astrología.

PALABRAS CLAVE: Pitagorismo, música,

astrología, ciencia, espiritualidad.

BETWEEN SCIENCE AND SPIRITUALITY: PYTHAGOREAN MUSIC AND ASTROLOGY

ABSTRACT: In this investigation we will study the relationship between science and spirituality within Pythagorean philosophy. Despite how problematic it is to study this philosophy, be it due to the absence of solid sources or a single system of ideas, we will delve into the relationships between rational mathematics and the spiritual life of this sect. To do this, we will solve two objectives: a) describe the relationship between science and religiosity within Pythagoreanism and b) detail the two most important numerical-spiritual exercises: music and astrology. Our methodology is based on the philosophical analysis of ancient and modern texts on Pythagoreanism. Likewise, we will use the method of the sciences of religions to address the spiritual, mystical and religious phenomenon. In this way, we will conclude that the Pythagorean philosophy proposes a doctrine of salvation and purification of the soul, initiatory and esoteric, through the exercise of the sacred numbers applied in music and astrology.

KEYWORDS: Pythagoreanism, music, astrology, science, spirituality.

1 | INTRODUCCIÓN

En los últimos años, dentro del ámbito de estudio de la filosofía antigua, ha cobrado importancia el tema que relaciona ciencia antigua y espiritualidad como bases del pensamiento y

forma de vida de los primeros filósofos griegos¹. Este es el caso por ejemplo de Tales de Mileto, Pitágoras de Samos, Parménides de Elea, Empédocles de Agrigento, entre otros. El problema es de qué manera la ciencia antigua se vincula con la religiosidad dentro del sistema de ideas de los primeros filósofos. Una vía de solución es conocer esta relación en cada sistema filosófico. Es por ello que indagaremos el caso particular de Pitágoras de Samos y el pitagorismo.

Pitágoras de Samos, fundador de la escuela pitagórica, es un filósofo enigmático en tres sentidos: metodológico, personal y filosófico². Este carácter hace más problemática la investigación en torno al pitagorismo. ¿Qué relación existe entre ciencia y espiritualidad dentro de la filosofía pitagórica? Nosotros pensamos que la filosofía pitagórica propone una forma de vida que vincula espiritualidad y ciencia que se manifestaba en una serie de prácticas iniciáticas de la comunidad que purificaban el alma. Estas pueden ser la música, astronomía, astrología, matemáticas, geometría, política, medicina, etc. Por ello, profundizaremos en las dos prácticas más importantes para el pitagorismo: la música y la astrología.

Nuestra metodología será el análisis filosófico de textos antiguos y modernos sobre el pitagorismo, aquí daremos un enfoque histórico, simbólico y hermenéutico. Asimismo, usaremos la metodología de las ciencias de las religiones para abordar el fenómeno espiritual, místico y religioso del pitagorismo³. Nuestras variables de investigación son la espiritualidad y ciencia pitagóricas expresadas en la música y la astrología. Para encontrar la relación entre estos dos ámbitos de la filosofía pitagórica, nuestra investigación constará dos objetivos: a) describir la relación entre ciencia y religiosidad dentro del pitagorismo y b) detallar los dos ejercicios numérico-espirituales más importantes. De esta manera, concluiremos que la filosofía pitagórica propone una doctrina de salvación y purificación del alma, iniciática y esotérica, a través del ejercicio de los números sagrados aplicados en la música y la astrología⁴.

2 | PITAGORISMO: ENTRE CIENCIA Y ESPIRITUALIDAD

El problema de la naturaleza del pitagorismo es un tema que se rastrea desde la misma filosofía antigua hasta el presente. No son claros los límites entre las diversas

1 Vid. Jeager (2013), Pániker (2000), Laks (2012), Kingsley (2008, 2010), Hernández de la Fuente (2013, 2014), entre otros.

2 En el sentido *metodológico*, no hay precisión sobre su vida y su creación intelectual. Existen diferentes enfoques, incluso contradictorias, dentro de las fuentes que han registrado su vida e ideas. A nivel de su figura *personal*, las diversas fuentes nos muestran una visión de Pitágoras heterogénea ya que trata de muchos temas: ciencia, religión, política, matemática, medicina, música, etc. Asimismo, a nivel *filosófico*, nos resulta problemático la naturaleza oral y esotérica de su doctrina. Esta no permitía conocer a cabalidad los fundamentos, ideas y prácticas del pitagorismo.

3 Para la metodología de la historia de las religiones cfr. Brelich (1979), Diez de Velasco (2002) y Eliade (1974).

4 El término astrología era el más antiguo para referirse al estudio de los astros y las constelaciones y estaba vinculado a la mitología, prácticas rituales de adivinación. Luego se empieza a difundir el término astronomía para enfocar un visión más numérica y científica. Sin embargo, en algunos casos autores como Platón, Heródoto, Eratóstenes, Arato, etc. usan los términos astrología y astronomía como sinónimos, dando a entender que los aspectos religiosos y matemáticos y de los astros y constelaciones no están desconectadas.

interpretaciones que se tienen de la figura de Pitágoras y su filosofía. Como ya lo mencionamos, la filosofía pitagórica es enigmática y heterogénea. Por ello en nuestra investigación tomaremos a la filosofía pitagórica como una tradición de sabiduría que la inicia Pitágoras y la han continuado y nutrido los llamados “pitagóricos”⁵.

Las fuentes antiguas que refieren información sobre el pitagorismo pueden clasificarse en tres categorías según la cronología⁶ y tienen enfoques similares y distintos acerca del pitagorismo. Afortunadamente, tenemos algunos fragmentos pitagóricos que han sido aceptados como canónicos. A partir de estos podemos conocer los distintos tópicos que propuso Pitágoras y los pitagóricos: la teoría del número como principio, el desarrollo de las matemáticas (geometría, aritmética, teorema de Pitágoras), teoría del cosmos y la armonía de las esferas, la purificación y reencarnación del alma, la sistematización de la música, forma de vida espiritual con abstinencias y prohibiciones. Ahora bien, uno de los problemas más recientes sobre el pitagorismo es determinar la relación y límites entre los aspectos que llamaríamos seculares (ciencia, política o matemáticas) con los preceptos y prácticas espirituales de su filosofía⁷. Específicamente, cómo se relaciona la teoría del número, matemáticas y cosmología con la psicología de la purificación y reencarnación pitagórica. Las fuentes más recientes sobre la figura de Pitágoras lo muestran como un personaje de múltiples disposiciones, entre las que resaltan su inclinación por las matemáticas y una vida espiritual. Es decir, es un personaje que unifica la actividad racional, científica y numérica con una vida mística y ritual con creencias religiosas⁸.

Los datos acerca del origen de los padres de Pitágoras nos dan referencia de esta relación. El padre, Mnesarco, un comerciante viajero, habría nacido en Samos, sin embargo, algunas fuentes afirman que tiene orígenes orientales que lo vinculan a una tradición religiosa caldea. Asimismo, su madre, Pitaide, viene del linaje real de Samos y está vinculada al sacerdocio del dios Apolo. Incluso se afirma que este dios era el padre mítico de Pitágoras⁹. Por otro lado, los maestros y la educación que tuvo Pitágoras se

5 Al no tener certeza sobre lo que habría dicho Pitágoras, solo podemos remitirnos a la información de segunda mano que nos dejan las fuentes de los “llamados pitagóricos”, tal como Aristóteles los menciona en *Metafísica* 985b.

6 Cfr. Kirk & Raven (1957). *Los filósofos presocráticos*. En la primera categoría tenemos escritos y fragmentos pre-aristotélicos (Heráclito, Empédocles, Jenófanes, Heródoto, Isócrates, Filolao y Platón). La segunda categoría inicia desde Aristóteles y se extiende por el periodo Helenístico hasta el siglo I a.C. (Aristoxeno, Heráclides Póntico, Calímaco). La tercera categoría de fuentes se sitúa en el Renacimiento pitagórico en Roma y alrededores entre los siglos I a.C. y IV d.C. Destacan las biografías de Pitágoras de Diógenes Laercio, Porfirio de Tiro y Jámblico de Calcis; la información de Diodoro de Sicilia y Foco de Constantinopla.

7 Cfr. Hernández de la Fuente (2013, 2014) y Peter Kingsley (2008).

8 En los estudios del pitagorismo, especialmente en Burkert, Kingsley y Hernández de la Fuente, se diferencia a un Pitágoras sobrehumano o divino y otro histórico, así como otra diferenciación entre un Pitágoras científico y matemático con otro religioso y místico. Sin embargo, establecer los límites entre ambos ámbitos es complejo y sería parte de otro estudio. Tenemos una biografía moderna que intenta rastrear lo histórico de nuestro personaje, cfr. Gorman (1988). Además, contamos con una selección mínima de fragmentos que podrían ser históricos sobre la vida y obra Pitágoras. Cfr. Kirk, Raven & Schofield (1987), Eggers & Juliá (1981), Bernabé (2008).

9 Vid. Porfirio *Vida* 2.

pueden distinguir entre reales¹⁰ y míticos¹¹. El aprendizaje de los distintos maestros que tuvo le permitió tener una visión amplia e integradora de la realidad. Logró una síntesis entre conocimientos racionales, matemáticos y científicos con prácticas y creencias espirituales.

El aspecto científico racional se encuentra en su teoría de los números. Para los pitagóricos todo es número, era el fundamento de lo existente. Así, Aristóteles en su *Metafísica* 985b23 (58B 4-5) nos dice que los pitagóricos tenían a los números como principios de todas las cosas, tanto de las cosas naturales como de las armonías musicales¹². Asimismo, se dedicaron a estudiar los números y matemáticas a través de la investigación geométrica y aritmética, convirtiéndola en una forma de educación libre¹³. Es por ello que se lo considera el máximo exponente y sistematizador de la matemática griega¹⁴. Sin embargo, las matemáticas no solo eran tomadas en sentido racional y científico dentro del pitagorismo.

Los números también poseían un ámbito religioso y sagrado¹⁵. Los pitagóricos rendían culto a la sagrada tetraktys, que representaba la suma de los cuatro primeros números: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. Según Porfirio, los pitagóricos profundizaron en la ciencia esotérica que su secta había construido, en ella, el número cuaternario o tetraktys era invocado por los pitagóricos como si fuera una divinidad. Ellos juraban así: “no, por el que a nuestro linaje otorgó el *número cuaternario*, porque éste posee como fundamento la fuente de la perenne naturaleza” (Porfirio, *Vida de Pitágoras* 17). Establecía las relaciones y proporciones entre cantidades de todo tipo de cosas. Permitía establecer los patrones y cánones numéricos matemáticos en progresiones aritméticas y geométricas, así como la definición de la escala musical con ayuda del monocordio. La tetraktys era el paradigma numérico de todo el universo armónico, era el elemento sagrado y simbólico por excelencia.

Además de la adoración a los dioses, héroes y demonios, los pitagóricos añaden un símbolo numérico como sagrado y arquetipal. El mundo que conocían los griegos estaba animado por las fuerzas sobrenaturales y divinas que la mitología cantaba y registraba. Con los pitagóricos ese mundo conocido no solo puede ser medido numéricamente, sino

10 Los maestros reales que pudo haber tenido pueden dividirse en maestros griegos y orientales. Los maestros griegos fueron Tales y Anaximandro de Mileto; de quienes aprendió ciencia, matemática, física y cosmología; lo mismo aprendió de Ferécides de Tiro y Hermodamante, además una teología cosmológica, una psicología y el recuerdo de vidas pasadas. También tuvo como maestros a poetas y sacerdotes de los distintos ritos místicos. De los que habría aprendido mitología, adivinación, astrología, música y un estilo de vida con prácticas y creencias religiosas. Los maestros orientales son sacerdotes de distintas culturas, tales como la egipcia, babilonia y la caldea. Pitágoras se habría iniciado en los misterios y rituales de estas religiones. Su aprendizaje es esencialmente espiritual y místico, incluyendo aspectos matemáticos y científicos.

11 Los maestros míticos de Pitágoras y sus enseñanzas son añadidos que la tradición poética y filosófica pitagórica dieron al fundador, lo divinizaron y convertían en un héroe filosófico. Orfeo le habría enseñado una mística teológica y cosmológica, Dionisio y Apolo lo habrían formado en medicina y adivinación (Bernabé 2004, 2008).

12 Trad. Alberto Bernabé en *Fragmentos presocráticos*, p. 81.

13 Véase los fragmentos 269 al 273 de la clasificación de Eggers Lan en su libro *Los filósofos presocráticos*: Jambl., *Vida de Pitágoras* XVIII 89. (DK 14.6a) Proclo, *Elem.* 65, 16-21. Jambl., C. Mat. Com. XXIII 70, 1-3. Diog. Laerc. en VIII 11-12. PLUT., *Non posse suav.* 1094 b.

14 Cfr. Eggers (1993), Cadavieco (2002), Pabón (2006), Jaén (2012).

15 También podemos recordar el famoso sacrificio de bueyes a modo de ritual al descubrir su teorema geométrico y otros asuntos matemáticos.

que su esencia, estructura y sentido están gobernados por relaciones numéricas. La necesidad (*anankhé*), la justicia (*diké*) y el destino (*moira*) pasaban de una comprensión mítica a una numérica. Ellas se manifestaban en proporciones y relaciones numéricas que conformaban la armonía del mundo. La armonía, divinidad del panteón griego, es también, a nivel matemático y conceptual, el acoplamiento o ajuste virtuoso de las cosas, con orden y medidas proporcionales. Los números y proporciones poseen la cualidad de sagrados y dignos de adoración al estar fundados por la armonía y la tetráktys. Organizar los números armónicamente habría sido una actividad racional y a la vez espiritual, ya que las formas matemáticas eran expresión de lo divino.

Al poseer elementos racionales, científicos, espirituales y religiosos algunos autores llaman a la comunidad pitagórica la secta¹⁶ del número (Alsina, 2012; Jaén, 2007; Burkert, 2012). Gran parte de la preparación filosófica de los pitagóricos estaba dedicada al estudio de las relaciones numéricas. Con ellas podían explicar los fundamentos de la realidad, a nivel físico y metafísico¹⁷. Asimismo, en su búsqueda y práctica de relaciones armónicas experimentaban un tipo especial de vivencia espiritual. Al descubrir las medidas y proporciones armónicas se podía contemplar lo divino. La adoración y práctica de los números armoniosos era una experiencia científica y religiosa. Sin embargo, los conocimientos de las relaciones armónicas numéricas no estaban dirigidas al público, eran secretas o esotéricas. La secta del número estaba organizada jerárquicamente y el aprendizaje de la numerología armónica era progresivo según el desarrollo científico y espiritual en la escuela. Existían los *akustikois*, “los que escuchan” a un discípulo eminente, y los *matematikois*, “los que tienen cosas aprendidas (*mathemata*)” o conocimiento profundo y están junto a Pitágoras y sus más cercanos. Si bien no podemos hablar de iniciaciones idénticas a los ritos místicos griegos¹⁸, ya que ellas tienen una base mítica y religiosa anterior, los pitagóricos forjan un camino científico y espiritual de iniciaciones numéricas. Estas también pueden ser consideradas místicas ya que el saber numérico era esotérico. Con esta actitud los pitagóricos unen racionalismo y misticismo. La forma de vida o el *bíos*¹⁹ pitagórico estaba dedicado al estudio de los números y sus relaciones sagradas, era una nueva búsqueda espiritual a través del conocimiento numérico y científico. En el seno de las raíces de la ciencia y las matemáticas occidentales se encuentra una devoción sagrada por la armonía y la verdad. El pitagorismo era una secta iniciática del número y la armonía.

Ahora bien, ¿de qué manera esa experiencia espiritual con los números podría purificar el alma? Según Porfirio (*Vida de Pitágoras* 19 DK 14, 8a), Pitágoras sostenía que el alma es inmortal, se transformaba en otras clases de seres vivos (metempsicosis) y permitía

16 Bernabé (2004, 2008) distingue al pitagorismo del orfismo. El primero es propiamente una *secta*, ya que viven en comunidad siguiendo doctrina y prácticas similares. El orfismo es una práctica individual, por ello es más adecuado entenderlo como una *profesión* que como *secta* ya que no alentaba una vida comunal.

17 Cfr. Guthrie (1984), Bares (1993), Bueno (1974), Gómez (2015).

18 Burkert (2007) ha negado la posibilidad de que los pitagóricos hayan tenido un proceso iniciático o *téletai* idénticas a los rituales místicos. Sin embargo, nuestra posición da una nueva visión de esta cuestión.

19 El *bíos* o forma de vida pitagórico ha sido comparado con el *bíos* homérico en Platón *República* (600 ab).

el parentesco de los seres vivos. La idea de la inmortalidad del alma es un componente de los rituales místéricos que aparece luego de la idea del alma trágica y agónica homérica. Según esta, luego de la muerte el hálito de vida o *psiqué* sale del cuerpo como el último aliento, viaja al Hades y se permanece allí, en el mundo de los muertos, como una sombra. Sin embargo, los ritos místéricos poseen vías para evitar quedarse en el mundo de los muertos y trascender a una vida bienaventurada más allá de la muerte (Burkert 2003, 2005, 2007). Al lugar sagrado dónde fueron los héroes más destacados, los iniciados en los secretos y “los que murieron antes de morir”, a la isla de los bienaventurados. Esa actitud de ir y salir del Hades es una proeza que la han realizado pocos héroes en la mitología griega.

El proceso de iniciación y purificación del alma era representado en el viaje del héroe a lo desconocido de la muerte para trascenderla, esta es la estructura básica del mito, el ritual y la religiosidad, especialmente en la Grecia antigua (Campbell, 1984). Los símbolos míticos para la iniciación a los misterios son heroicos, agónicos, trágicos, cómicos y narran el viaje del alma luego de la muerte. Los pitagóricos organizan un nuevo proceso iniciático a través de un sistema de símbolos numéricos. Es decir, un proceso de purificación del alma a través del ejercicio racional con los números en búsqueda de armonía sagrada. Los pitagóricos continuaban con la tradición mística griega con añadidos orientales. Quisieron consolidar una visión racional, científica y numérica de lo sagrado y la salvación espiritual. Se quedaron con la semilla de los rituales místéricos y la hicieron florecer numéricamente. La idea de la inmortalidad del alma era el nuevo elemento que configuraron los rituales místéricos a través de diversas influencias foráneas y espirituales, ya que la religión olímpica tradicional de Homero planteaba una visión trágica del alma y de condena en el Hades. Los ritos místéricos, que se configuran en los siglos VII y VI a. C. como los eleusinos, órficos, delficos, etc., prometen la posibilidad de no quedarse por siempre en el Hades luego de la muerte. Existe una vía de salvación y bienaventuranza a través de la purificación del alma antes de morir. Los pitagóricos también incluyen esta concepción del alma en su sistema filosófico.

Asimismo, en la concepción pitagórica de la transmigración de las almas existían ciclos en el viaje del alma post mortem por los distintos elementos y seres naturales (tierra, agua y cielo) hasta llegar a un nuevo cuerpo humano, tal como lo comenta Heródoto (T 56, fr. 423 B). Lo encontramos también en Aristóteles cuando describe la característica del alma de poder ser inspirada con el aire: “Como se acepta, según los mitos pitagóricos, que cualquier alma se introduce en cualquier tipo de cuerpo” (De an. 407b 219). Pitágoras se inició en los misterios griegos y orientales, tal como sus biógrafos registran y exageran²⁰. Lo mismo podríamos pensar de algunos pitagóricos, hombres iniciados en la tradición mística griega y oriental. Pitágoras formaría una comunidad de filósofos con un sistema

²⁰ Porfirio y Laercio refieren que Pitágoras se habría iniciado en algunos rituales místéricos y orientales, sin embargo, Jámblico refiere que se habría iniciado en todos los misterios de su época.

de vida espiritual y científico en Crotona. Se alinearía con los demás rituales místéricos de su época en lo esencial, la salvación del alma. Del fondo místico aparece un nuevo camino numérico, científico y comunitario, es el nuevo *bíos* filosófico pitagórico.

El viaje del alma luego de la muerte tenía una visión moral y religiosa. La psicología y el sistema ritual pitagórico era escatológico, es decir, tenía un proceso de juicio moral y espiritual que resultaba en un castigo o un destino mejor de liberación. Así lo describe Píndaro (*Olimpicas* n, 56-77) en un poema para un mecenas pitagórico, donde es claro que los hombres son juzgados según su vida y pensamientos, a los buenos que han sido devotos a los dioses les toca una vida llena de luz y sin fatiga, a los perversos les toca una vida oscura con fatiga en este mundo, y a los que han faltado a los dioses serán juzgados debajo de la tierra, en el Hades. Es importante la mención de que tres son las veces que ha de “mantener su alma pura de toda clase de maldades” para llegar a la isla de los bienaventurados, lugar de los héroes, dioses y seres inmortales.

El camino numérico para purificar el alma era secreta, tanto para los rituales místéricos como para la iniciación pitagórica. La verdad era entendida como una revelación divina accesible para pocos. Así lo conocemos en el caso de los himnos y ritos órficos cuando advertían que los conocimientos sagrados solo son para iniciados: “Cantaré para conocedores; cerrad las puertas, profanos. Hablaré a quienes es lícito; cerrad las puertas, profanos” (Olympiod. in *Aristot. Categ. prol.* 12, 8). En el caso del pitagorismo era una filosofía de vida iniciática que buscaba una verdad divina revelada tanto en las ideas y prácticas religiosas de la tradición mítica y mística como en el estudio racional de las armonías numéricas.

Los símbolos pitagóricos; en el ámbito moral, religioso y numérico; eran los que guardaban los secretos de su doctrina iniciática²¹. Estos símbolos eran contraseñas o señales que permitían recordar cierta enseñanza esotérica. También eran llamados *acúsmata*, enseñanza oída y críptica, que solo podían ser comprendidos y descifrados por los pitagóricos iniciados. Jámblico²² nos informa sobre los tres tipos de acúsmatas que tenían los pitagóricos, los que preguntan ¿qué es ...?, ¿qué es lo más ...? y ¿qué es se debe hacer ...? Estas tienen dos partes principales: la pregunta y la respuesta, ambos momentos contienen símbolos míticos, religiosos y numéricos. Es evidente que

21 Plutarco (fr. 202): “Nada hay tan propio de la filosofía pitagórica como lo simbólico (to symbolikon), una forma de enseñanza mezcla de voz y silencio, como en los ritos, de suerte que no dicen: ‘Cantaré para conocedores; cerrad las puertas, profanos’ pero lo que significan es lúcido y claro para quienes están familiarizados con ello, oscuro y sin sentido para quienes no lo están. Y así como ‘el soberano a quien pertenece el oráculo de Delfos, ni dice ni oculta, sino da señales’ según Heráclito, con los símbolos pitagóricos, lo que parece querer decir está oculto y lo que parece estar oculto es entendido por la mente.”

22 Vid. Pitag., 82 DK 58 c4: “Todos los así llamados acúsmata se dividen en tres clases: algunos indican lo que una cosa es, otros qué es lo más y otros qué es lo que se debe hacer o no hacer. Ejemplos de la clase ¿qué es? son ¿qué son las islas de los aventureros?: el sol y la luna. ¿Qué es el oráculo de Delfos?: la tetractys que es la armonía en la que cantan las Sirenas. Ejemplos de tal clase “¿qué es lo más...?” son: ¿qué es lo más justo? el sacrificar. ¿Qué es lo más sabio? el número; pero después es el hombre que asignó nombres a las cosas. ¿Qué es la más sabia de las cosas en nuestro poder? la medicina. ¿Qué es lo más hermoso? la Harmonía. ¿Qué es lo más poderoso? el conocimiento. ¿Qué es lo mejor? la felicidad. ¿Cuál de las cosas que se dicen es la más verdadera? que los hombres son perversos.”

el desciframiento de estas sentencias enigmáticas requería un conocimiento de ciertas doctrinas secretas adquiridas por una vida espiritual e iniciática.

La filosofía pitagórica tenía como objetivo purificar el alma a través de ejercicios con símbolos míticos y numéricos. La dinámica entre dioses y héroes, así como las relaciones, proporciones y medidas numerológicas eran manifestaciones del fundamento divino, eterno e incorpóreo. El pitagorismo profundizará en la simbología sagrada numérica como vía espiritual. El camino de la purificación del alma que siguieron los pitagóricos empezaba en la contemplación de los seres incorpóreos y eternos. En segundo lugar, se dedicaban a los seres corpóreos y dinámicos. Las ciencias y especulaciones numéricas y matemáticas se sitúan en la frontera entre los seres incorpóreos y corpóreos (Porfirio *Vid. Pitag.* 46-47)

Según Porfirio, la razón por la que los pitagóricos se dedicaron al estudio de las matemáticas fue por porque “no podían explicar por la palabra las formas incorpóreas y los primeros principios, se aplicaron a la demostración por medio de los números” (*Vida de Pitágoras* 49). El estudio intelectual de los números era una forma de explicar y demostrar, en sus relaciones armónicas, los principios y las formas incorpóreas que fundamentaban todo lo existente. Ahora bien, cabe aclarar cuáles eran las prácticas numéricas y espirituales en pro de la purificación del alma.

3 I EJERCICIOS NUMÉRICO-ESPIRITUALES: MÚSICA Y ASTROLOGÍA

Los ejercicios numéricos y espirituales que purificaban el alma eran diversos, sin embargo, los pitagóricos atribuían mayor importancia y dedicación a la actividad sonora y musical, así como a la actividad astronómica y/o astrológica. El estudio de los sonidos y los astros tenía una base numérica y espiritual: la sagrada armonía de la tetráktys, arquetipo numérico de todo cuanto existe. El hombre podía contemplar ese trasfondo armónico a través de sus sentidos. Así lo comenta Platón en *República* (530 D DK 47 B 1): “así como los ojos están hechos para la astronomía, del mismo modo los oídos lo están para el movimiento harmónico y que éstas son ciencias hermanas entre sí, como dicen los pitagóricos”. Lo que unifica a ambas ciencias es la base numérica y armónica. Esta se comprendía en un nivel intelectual posterior y superior a los sentidos.

Lo que podríamos llamar actividad musical en la actualidad dista mucho de la concepción musical que tenía los griegos de la antigüedad. Hoy la música reúne a las artes sonoras o sinfónicas, antes, la música griega refería a la actividad humana inspirada por algunas de las Musas conocidas por la mitología²³. Ellas eran representación de las técnicas artística y científicas y juntas formaban la armonía de los conocimientos, que se simbolizaba por la diosa Mnemosine, madre de las Musas. En los textos escatológicos

23 Vid. Hesíodo, *Teogonía* 77: Caliope (Καλλιόπη, 'la de la bella voz'), Clío (Κλειώ, 'la que ofrece gloria'), Erato ('Ερατώ, 'la amorosa'), Euterpe (Εὐτέρπη, 'la muy placentera'), Melpómene (Μελπομένη, 'la melodiosa'), Polimnia (Πολυμνία, 'la de muchos himnos'), Talía (Θάλεια ο Θαλία, 'la festiva'), Terpsícore (Τερψιχόρη, 'la que deleita en la danza') y Urania (Οὐρανία, 'la celestial').

órficos²⁴, Mnemósine; abuela de Orfeo, contrafigura de las Sirenas; desempeña un papel fundamental para salir del tiempo y retornar a lo divino: sólo quien conserva la memoria en el Hades puede pagar el precio de sus injusticias y clausurar el ciclo de su destino individual (Bernabé, 2004). Asimismo, “consideraban (los pitagóricos) que había que conservar y guardar todo en la memoria”. (Jámblico, *Vida pitagórica* 29, 164).

Es aquí dónde podemos profundizar en una acúsmata que habíamos leído supra: “¿Qué es el oráculo de Delfos?: la tetractys: que precisamente es la armonía, en la que están [o cantan] las Sirenas” (τί ἐστι τό ἐν Δελφοῖς μαντεῖον; τετρακτύς ὅπερ ἐστίν ἡ ἄρμονία, ἐν ἧ αἱ Σειρήνης) (Jámblico *Vid. Pitag.*, 82 DK 58 c4). El oráculo de Delfos refiere a la actividad mántica o profética propio del culto al dios Apolo. Se ha relacionado muchas veces a Pitágoras como Apolo. Se conoce a Pitágoras como el Apolo hiperbóreo por su muslo de oro. Sin embargo, nos interesa resaltar que el filósofo de Samos toma la actividad agónica y musical de Apolo, que era simbolizado por el arco y la lira que manejaba el dios²⁵. Las flechas del arco representaban las sentencias enigmáticas que el dios manifestaba en el oráculo. El enigma es una pregunta o problema que hace el dios y que debe ser interpretado y resuelto por los sacerdotes apolíneos. La agonía reside en la dificultad que conlleva la actividad profética. La lira es el símbolo de la armonía musical, Pitágoras es músico, así como Apolo. La acúsmata pitagórica afirma que la mántica délfica es la tetráktys, es decir, la interpretación profética realizada por los pitagóricos es de tipo numérico y armónico.

Es la armonía en la que están o cantan las sirenas, personajes míticos que también están vinculados a las Musas, Mnemosine y la actividad musical y sonora, especialmente a los cantos fúnebres (Eurípides *Helena* 168-178). El canto de las sirenas²⁶ aparece mencionado por vez primera en Homero al narrar que Ulises está viajando al Hades y escucha a las sirenas cuando para por sus islas llenas de cadáveres (*Odisea* 12.184-191). Plutarco en *Charlas de sobremesa* (Fr. 745) explica que Platón (*Republica* 617b) llama Sirenas a las Musas y las hace presidir la armonía de las esferas, porque «cuentan y exponen las cosas divinas del Hades». El mismo Platón (*Republica* 617bc), al explicar el Mito de Er, nos dice que las Sirenas siguen la armonía musical cantando y tocando instrumentos al igual que la Necesidad, las Moiras y otras divinidades. Las sirenas acogen las almas de los muertos y las direccionan al Hades al compás de una armonía sonora fúnebre. Siguen la armonía divina al igual que otras divinidades relacionas al destino y el conocimiento del tiempo. Escuchar en canto de las Musas podría estar vinculado a una armonía positiva para el alma, de caso contrario, el canto de las sirenas, estarían relacionadas a los cantos que llevan a la muerte.

24 Vid. Bernabé (2004). Laminilla de oro órfico e Himno órfico 77.

25 Vid. Colli (1977), especialmente los capítulos dedicados a los misterios manticos apolíneos y su relación con la sabiduría.

26 Vid. Platón *Banquete* (216a); Apolodoro *Epítome* (7.18); Ovidio *Metamorfosis* (5.552-563); Cicerón *Del supremo bien y del supremo mal* (5. 49); Apolonio de Rodas *Argonauticas* (4. 898-911); Epiménides (fr. 47 Bernabé).

La música pitagórica abarcaba las artes sonoras, poética, danza, narración histórica, astronomía y ciencias numéricas. El conocimiento gradual y total de estas actividades seguía el camino de Mnemosine, se memorizaban los aprendizajes para tener una sabiduría armónica de la realidad. El fundamento numérico de la ciencia astronómica y las artes sonoras habían encontrado su correspondiente mitológico y religioso. Porfirio (*Vida pitagórica* 31) nos informa que para Pitágoras

las voces de los siete planetas; la de la esfera de los hijos y, además de ésta, la de la esfera de encima de nosotros, llamada entre ellos por otro lado, antitierra; había asegurado que eran las nueve Musas. A la mezcla; sinfonía y, por así decirlo, atadura de todas ellas; llamaba Mnemósine, de la que cada una era parte y efluvio como de un eterno increado.

Asimismo, Porfirio (*Vida pitagórica* 5) nos informa que “los crotoniatas hicieron de la casa un templo de Deméter y al callejón lo llamaron Santuario de las Musas”. También nos dice que una versión de la muerte de Pitágoras afirma que “se había refugiado en el santuario de las Musas, donde permaneció cuarenta días privado de alimentos” Porfirio (*Vida pitagórica* 57).

Los símbolos de las iniciaciones de la secta pitagórica incluían las imágenes míticas de dioses relacionadas a las artes musicales y símbolos de la armonía numérica. La armonía que subyace al movimiento de las esferas y planetas se expresaba a través de cantos divinos que podían ser comprendidos numéricamente en la música y la astronomía. Pitágoras “perfeccionó la ciencia sobre los fenómenos celestes y la definió con demostraciones completas aritméticas y geométricas” (Jámblico, *Vida de Pitágoras* 27). Según Jámblico, fue gracias a la mediación de Pitágoras que se introdujo una concepción de la realidad basada en “los dioses, los héroes, los démones, el universo, el vario movimiento de las esferas y astros, eclipses, declinaciones, anomalías, excentricidades, epiciclos, y acerca de todo lo existente en el universo: cielo, tierra y naturaleza intermedias, visibles e invisibles” (*Vida de Pitágoras* 31). Sin embargo, lo más importante era el trasfondo primario y numérico que subyace a los movimientos de los cuerpos celestes (Jámblico, *Vida de Pitágoras* 29)

Ahora bien, Pitágoras habría descubierto los secretos de las proporciones e intervalos regulares numéricos de la armonía en la escala musical. La historia ha sido registrada y comentada ampliamente por Jámblico en su *Vida de Pitágoras* 117-122 y Boecio en su *Sobre el fundamento de la música* libro I, 196-199. Al pasar por una cueva o taller de artesanos herreros escuchó unos martillazos. Por una intuición divina se percató de que esos sonidos diferentes formaban una armonía unitaria. Se dio cuenta que la propiedad y diferencias de sonidos no se debía a la fuerza muscular de los hombres, sino a los pesos diferenciados de los 5 martillos. Cada uno era el duplo en peso de los siguientes. Luego, hizo pruebas con pesos distintos de 4 martillos, después con cuerdas tensadas por sus pesos apoyado por el uso de un monocordio, instrumento musical de una cuerda. Pitágoras halló la divina proporción: 12:9 :: 8:6. Es decir, los intervalos base de la escala armónica

musical: 6/8: cuarta justa; 9/12: cuarta justa; 6/9: quinta justa; 6/12: octava.

Con este conocimiento armónico, Pitágoras creaba ritmos, melodías, cantos y ensalmos para purificar el cuerpo y el alma. Según Jámblico, Pitágoras concebía que la música era buena para la salud y la consideraba como purificación y curación. En algunos momentos del día los pitagóricos se sentaban en grupo y tocaban distintos instrumentos para interpretar canciones que los ponían alegres siguiendo la melodía y el ritmo. Asimismo, los cantos eran usados como terapias espirituales para calmar y sanar distintos males (Jámblico, *Vida de Pitágoras* 111; Porfirio, *Vida de Pitágoras* 33). De este modo, la secta pitagórica podía purificarse a través de la música siguiendo determinadas melodías armónicas. Al parecer Pitágoras tomó la tradición musical de la religión griega, en la que los cantos y ensalmos se hacían en un contexto ritual, para integrarlos a una visión numérica del mundo. Los cantos rituales purificaban el alma ya que participaban de la armonía sagrada musical. El análisis racional y numérico de las proporciones musicales de las canciones era una manera de manifestar la armonía divina purificadora.

Es así que astrología y música estaban íntimamente relacionadas. La purificación espiritual se daba escuchando proporciones numéricas a través de la música, así como observando las medidas y figuras del movimiento de los astros. La purificación del alma por excelencia para los pitagóricos era la síntesis entre música y astrología, es decir, escuchar la armonía de las esferas y astros. Colocaba en simetría el alma (racional) del hombre con los intervalos perfectos de los sonidos celestes (alma cósmica). Astros y esferas emiten sonidos según sus velocidades, volúmenes y distancias siguiendo un movimiento armónico. La tetráktys subyace en el orden del cosmos.

4 | CONCLUSIONES

A lo largo de esta investigación se ha explicado a) la relación entre ciencia y religiosidad en la filosofía pitagórica; b) la relación entre números y purificación del alma; y c) los ejercicios numérico-espirituales que usaban los pitagóricos para purificarse: la música y la astrología. Podríamos enumerar nuestras conclusiones de la siguiente manera:

1. Las fuentes sobre la figura de Pitágoras lo configuran como un personaje enigmático y heterogéneo, así como un filósofo situado entre ciencia y religión. Luego iniciará un nuevo camino espiritual y fundará una comunidad filosófica.
2. La filosofía pitagórica proponía una síntesis entre el estudio racional y científico de los números con un estilo de vida espiritual y de purificación del alma. La secta adoptará este nuevo *bíos* pitagórico en un proceso de iniciación esotérica con símbolos numéricos.
3. Los pitagóricos poseían una serie de prácticas espirituales para purificar el alma. Algunas las tomaban de la tradición religiosa griega. Pero ellos elaboraron un nuevo camino numérico y espiritual de iniciación a través de la astrología y la música.

Ambas ciencias poseen un trasfondo sagrado ya que las unifica la armonía divina de la tetráktys.

En suma, la filosofía pitagórica propone una doctrina de salvación y purificación del alma a través del ejercicio de los números sagrados aplicados en la música y la astrología. Quedan abiertas muchas preguntas al acercarnos a esta propuesta espiritual y científica: ¿es ciencia o pseudociencia? ¿los mitos pueden ser tomados de la misma manera que los datos matemáticos? ¿de qué manera el alma se armoniza con la música celeste? ¿hay una explicación fisiológica al respecto? ¿el universo es armonioso y ordenado? ¿qué sucede con los números irracionales?, etc. Para ello tendríamos que conocer la vivencia y las revelaciones directas de los secretos pitagóricos, sin embargo, ellas siempre estarán sumidas en el enigma y el misterio.

REFERENCIAS

ALSINA, C. **La secta de los números**. España: RBA. 2012.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Madrid: Editorial Gredos. 1988.

BARES, J. **La armonía de las esferas**. *Agora*, 12, 2, pp. 39-56. 1993.

BERNABÉ, A. **Textos órficos y filosofía presocrática. Materiales para una comparación**. Madrid: Trotta. 2004.

BERNABÉ, A. **Fragmentos presocráticos. De Tales a Demócrito**. Madrid: Alianza Editorial. 2008.

BERNABÉ, A., KAHLE, M., & SANTAMARÍA, M. A. (Edits.). **Reencarnación. La transmigración de las almas entre oriente y occidente**. Madrid: Abada Editores. 2011.

BRELICH, A. **Prolegómenos a una historia de las religiones**. En *Historia de las religiones*. I. Las religiones antiguas, pp. 30-97. Siglo XXI Editores. 1979.

BUENO, G. **La metafísica presocrática**. Oviedo: Pentalfa. 1974.

BURKERT, W. **Lore and science in Ancient Pythagoreanism**. Massachusetts: Harvard University Press. 1972.

BURKERT, W. **De Homero a los magos. La tradición oriental en la cultura griega**. Barcelona: El acantilado. 2003.

BURKERT, W. **Cultos místéricos antiguos**. Madrid: Editorial Trotta. 2005.

BURKERT, W. **Religión griega. Arcaica y clásica**. España: ABADA. 2007.

CADAVIECO, M. **Pitágoras y los números perfectos**. *Ingeniería*, 47-49. 2002

COLLI, G. **El nacimiento de la filosofía**. Barcelona: Tusquets Editor. 1977.

CAMPBELL, J. **El héroe de las mil caras. Psicoanálisis del mito**. México: Fondo de Cultura Económica. 1984.

CORONADO, G. **Los pitagóricos: matemática e interpretación de la naturaleza**. Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica, XL, 100, pp. 13-21. 2002.

DIEZ DE VELASCO, F. **Introducción a la historia de las religiones**. Editorial Trotta. 2002.

EGGERS, C. **El nacimiento de la matemática en Grecia**. Enrahonar 21, 7-26. 1993.

EGGERS, C., & Juliá, V. **Los filósofos presocráticos I**. Madrid: Editorial Gredos. 1981.

ELIADE, M. **Tratado de Historia de las Religiones I**. Ediciones Cristiandad. 1974.

GÓMEZ, V. **Pitágoras y el pensamiento presocrático**. España: Bonal letra Alcompas. 2015.

GORMAN, P. **Pitágoras. Una Vida**. Barcelona: Editorial Crítica. 1988.

GUTHRIE, W. **Historia de la filosofía griega I. Los primeros presocráticos y los pitagóricos**. Madrid: Editorial Gredos. 1984.

HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, D. **Pitágoras como adivino: religión y política en la Magna Grecia**. POTESTAS, 6, pp. 5-25. 2013.

HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, D. **Las vidas de Pitágoras**. España: Atalanta. 2014

JAÉN, M. **Pitágoras. El teorema de Pitágoras. Un secreto encerrado en tres paredes**. España: RBA. 2012.

JÁMBLICO. **Vida pitagórica. Protréptico**. Madrid: Editorial Gredos. 2003.

KINGSLEY, P. **Filosofía antigua, misterios y magia**. España: Atalanta. 2008.

KIRK, G., RAVEN, J., & SCHOFIELD, M. **Los filósofos presocráticos. Historia crítica con selección de textos**. Madrid: Gredos. 1987.

LAKS, A. **Introducción a la filosofía “presocrática”**. Madrid: Editorial Gredos. 2010.

MACEIRAS, M. **La “psicología” pitagórica**. Anales del Seminario de Historia de la Filosofía n° IV, 9-28. 1984.

PABÓN, G. C. **Teoría de la proporción pitagórica**. Escritos, 14, 33, pp. 600-617. 2006.

PÁNIKER, S. **Filosofía y mística. Una lectura de los griegos**. España: Kairós. 2000.

PORFIRIO. **Vida de Pitágoras**. Editorial Gredos. 1987.

VILLENA, M., & GARCÍA, A. **La creencia pitagórica en la transmigración de las almas**. FLORENTIA ILIBERRITANA, 3, 561-569. 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Análítica existencial 18, 25

Arte 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 88, 95

Astrologia 30, 31, 33, 37, 40, 41, 89

B

Belo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 55, 108

C

Capitalismo 64, 97, 99

Carnéades 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Ceticismo 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Ciência 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41

Ciudadana 9, 11

E

Educación 9, 10, 15, 16, 32, 33

Epistemologia 73, 76

Espiritualidad 30, 31, 88

Experimento de pensar 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

F

Filosofia antiga 73, 74, 101

Filosofia trágica 43, 52, 54, 55

Frente a frente 57, 58, 59, 68, 69, 70, 71

H

Héroe 33, 35, 42, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

História 16, 28, 48, 49, 58, 70, 73, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 108, 110

História da filosofia 28, 78, 101

I

Identidad 9, 12, 14, 15, 16, 85

Ilusão de onipotência 18, 19, 20, 23, 24

Imaginación narrativa 9, 14, 15

Immanuel Kant 1, 2, 3

Infinito 16, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 103

L

Literatura brasileira 9

Ludwig Edelstein 101

M

Martin Heidegger 19, 58

Marxismo 93, 94, 96, 97, 98, 99

Mito 35, 38, 42, 50, 53, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mitologia 101, 102, 103, 104, 105, 108

Música 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 52, 106

P

Pandemia 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 71, 72

Pitagorismo 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37

Platão 45, 54, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

R

Realidade 18, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 46, 53, 58, 59, 60, 69, 74, 78, 93, 94, 96, 97, 99, 102

Romantismo 48, 49, 50, 51, 52, 56

S

Sabedoria 32, 38, 39, 83, 85, 86, 88, 89, 91

Sensibilidade 1, 2, 3, 57, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 79

T

Tales de Mileto 31, 83, 86

Teoria histórico-cultural 93, 94, 96, 97, 98, 99

Totalidade 48, 51, 57, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 72, 73

U

Uno-primordial 43, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55

V

Vygotsky 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

W

Winnicott 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

REFLEXÕES SOBRE


FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA


E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021